

MODELOS DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA

PROF. ELEONORA MOTTA MAIA

SOLANGE MARIA LEDA GALLO

PROGRAMA DE MESTRADO

Ao entrar em contato com um trabalho de Oswald Ducrot intitulado "Estruturalismo e Linguística", editado em 1.968, interessei-me por uma apresentação que, em determinado momento da argumentação, o autor faz dos trabalhos de Wilhelm Von Humboldt (Cap. I pg. 34/42, Edição Bras.). Meu interesse se deu principalmente por um instinto comparativo que me fez pensar ao mesmo tempo no texto de Humboldt em que se baseou Ducrot para a citação (Conferência feita em 1.822 e traduzida por A. Tonnelé para o Francês com o título "De l'origine des formes grammaticales et de leur influence sur le développement des idées", Paris, 1.859) e em um outro texto de Humboldt, o capítulo 19 de sua monografia "On the structural variety of human language and its influence on the intellectual development of mankind", 1.836. (Chap. 19 "On the primary .. differences between languages in accordance with the purity of their principal of formation").

Ducrot, ao falar dos trabalhos de Humboldt, o faz situando-os dentro da perspectiva da arbitrariedade da organização linguística, conceito que inaugura o que de moderno surgiria a respeito de estrutura linguística.

Desde o século XVII até o fim do século XIX, a língua é vista pelos filólogos como expressão do pensamento. Esta ideia está na Gramática de Port-Royal, onde aparece que a construção da frase imita a ordem necessária do pensamento. As diversidades proviram das transformações operadas pela própria língua a partir de um esquema inicial, o qual respeita a natureza do pensamento. Evidentemente para os autores (A. Arnauld e C. Lancelot) a ordem em francês é a natural.

Além da concepção dos lógicos de Port-Royal, havia outras concepções, não menos interessantes, sobre a ordem das combinações dos elementos da língua. Por exemplo, a concepção de que nessas combinações havia um significado místico, ou a imitação da realidade natural, ou ainda a concepção dos Cartesianos de que se tratava de um fenômeno aleatório. Somente no século XIX surge, então a ideia de haver no interior da palavra uma organização dos sons regular e imotivada, constante e arbitrária.

que
Cartesianos?

Ou seja, na organização da língua nem um significado místico, nem imitação da realidade, nem fenômenos aleatórios, mas a existência de um mundo regulamentado e hierarquizado, mas que só dá testemunho de si próprio.

Dentro desse quadro os trabalhos de Humboldt têm lugar importante e aparecem apresentados por Ducrot como preconizadores de um conceito moderno de estrutura linguística - a organização arbitrária da língua.

A preocupação básica de Humboldt era responder "como sons, exteriores uns aos outros e justapostos na ordem do tempo podiam veicular as relações intelectuais cuja rede dava coesão e solidade à experiência humana ?".

Antes de prosseguir no desenvolvimento dessa ideia, gostaria de explicitar um pressuposto do trabalho de Humboldt, o fato de que ele compartilhava, com seus contemporâneos, a ideia da língua como expressão do pensamento. O que pode ser notado é que na monografia escrita em 1.836 aparece um alargamento desse conceito; ou seja, a ideia de que a linguagem e o pensamento se provêm mutuamente. Parece-me que esta concepção esvazia a ideia de um "pensamento original" e "uma língua apenas representação" e inaugura uma ideia também moderna de "construir-se mutuamente e concomitantemente", língua e pensamento.

Como já foi mencionado anteriormente Ducrot apresenta, na verdade, um recorte do trabalho de Humboldt que trata da arbitrariedade na organização linguística. Nessa perspectiva, Humboldt começa sua argumentação tentando responder, então, a questão por ele colocada sobre a veiculação das relações intelectuais pelos sons e sobre a coesão e solidade que a linguagem pode dar à experiência humana. Para tanto, ele classifica as línguas em duas categorias. Na primeira categoria se incluem as línguas que não representam o fato da relação entre as ideias em seu material linguístico. As relações são dadas pelo contexto. Nesse caso o poder mais precioso do pensamento, sua possibilidade de unificar o dado empírico, não encontra, pois, seu reflexo.

Essas línguas são chamadas primitivas e nelas a fala é um instrumento. É o caso das línguas ameríndias.

Uma segunda categoria de língua comporta as línguas cuja matéria fônica vai sendo, pouco a pouco, forçada a representar a existência das múltiplas relações que se estabelecem no pensamento. Essas línguas são chamadas "de cultura" e nelas a fala tem um valor próprio. É o caso das línguas indo-europeias. Para representar essas relações a língua conta com determinados processos. A alternância que explica, no material fônico, a representação do plural, por exemplo, em relação ao radical (singular). A reção que tendo sido vista por longo tempo como complicação da morfologia indo-europeia (por exemplo, a existência de dezenas de expressões diferentes para o genitivo do latim), passa então, a ser vista como fator de cultura da língua. Desta forma a relação das idéias está inscrita no próprio enunciado. O importante, segundo Humboldt, é que haja uma regra, qualquer que seja e por complicada que possa ser, fixando a situação de cada um dos termos em função das dos outros.

O fato é que Humboldt não deixa claro que as línguas sejam "primitivas" ou "de cultura", de maneira estanque, mas que vivenciam uma transição, na medida em que incorporam mais ou menos esses processos que possibilitam a veiculação da relação das idéias.

As línguas ditas "de cultura", ou "civilizadas", no ponto de vista de Humboldt, o são por desenvolverem-se de um princípio puro, fruto do instinto linguístico e em liberdade regrada. Aqui há restrições à gramática clássica, que ficam mais claras quando o autor coloca que a formação de palavras e construções não teria que submeter-se a outras limitações. Enquanto as línguas não civilizadas não teriam usufruído dessa vantagem. Seriam formas desviantes nas quais duas coisas teriam se combinado; a perda do sentido para a língua, que existe numa forma pura no homem, e acidentes que acontecem à forma sonora da língua, os quais acumulam sobre si outros acidentes, o que seria uma característica estrutural destas línguas.

Essa classificação das línguas dada por Humboldt, interessa a Ducrot por pelo menos dois motivos. O primeiro é que as investigações sistemáticas dos fatos linguísticos em que Humboldt se empenhou, na caracterização das línguas civilizadas, contêm observações que anunciam linguistas do século XX. Apenas para citar, o processo de recção nos faz lembrar dos trabalhos de Hjelmslev, a auternância lembra os trabalhos de Saussure. Ainda as regras de construção da frase vistas como materialização da unidade intelectual do enunciado, remetem às pesquisas sintáticas da época de 1.930.

Um segundo motivo que tornam as investigações sistemáticas às quais Humboldt se dedicou, interessantes para a argumentação Ducrotiana é, justamente, a conclusão a que o próprio Humboldt chegou a respeito da organização da linguagem. Segundo ele, as línguas possuem particularidades, técnicas, nenhuma suficiente, nenhuma imprescindível. Essas técnicas são regulares e é o simples fato da regularidade que constitue, na linguagem, a expressão da unidade intelectual. Ou seja, a razão universal está na especificidade linguística. No entanto, o modo de organização de cada língua é uma questão de estilo, portanto, arbitrário.

Desta forma, através dos trabalhos de Humboldt, Ducrot instaura na sua argumentação as primeiras idéias de uma concepção moderna de estruturalismo linguístico.

Por Ducrot ter apresentado propositadamente, apenas um recorte do pensamento de Humboldt, no sentido de esclarecer e enriquecer sua argumentação, e por ele ter, ainda, se referido a um único texto do autor, não houve a oportunidade nessa sua obra, de uma análise mais detalhada da relação entre o pensamento de Humboldt e o dele próprio.

Parece-me que as semelhanças são muitas e a pesquisa teria que ser bem maior do que a aqui apresentada. O texto escrito em 1.836 (posterior ao citado por Ducrot) contém idéias que sem dúvida, foram retomadas e desenvolvidas mais tarde por Ducrot.

Por exemplo, a ideia apresentada por Humboldt de que a mudança é um dado primário da linguagem e que esta é uma atividade, um processo contínuo de desenvolvimento, que está sob a influência da força intelectual do falante. Esta conceção me parece muito aparentada com a ideia que aparece em "Princípios de Semântica Linguística", 1.977, onde Ducrot fala de enunciação como sendo o momento da aparição do enunciado, momento este que não se repete e que acontece somente na presença do sujeito. Bastante semelhante ainda, à conceção de Humboldt de ter a linguagem uma existência ideal, nunca uma existência material.

No mesmo texto Humboldt fala ainda de duas causas que determinariam o período de existência da língua; uma primeira causa seria um princípio que determina a direção, e uma segunda causa que seria a influência do material já produzido que se opõe à força do princípio que está se afirmado. A semelhança desses dois conceitos e dos conceitos de sentido e significação em "Le mots du discours" (Ducrot, 1.980) é realmente grande. Para o autor a significação é dada por instruções que residem no próprio material linguístico e o sentido é a direção para onde esse enunciado aponta.

Outras semelhanças há nas ideias dos dois autores que poderão ser levantadas com maior rigor em um outro trabalho. Aqui, a intenção foi a de resgatar a voz de Humboldt, na voz de Ducrot. Mais precisamente focalizar esta polifonia nos textos consultados.

Fico difícil, às vezes
fazer a voz de Ducrot
de fato. V. as passagens
da história de Lévinas em
relação às suas coloquias
na universidade de Paris. Parece

BIBLIOGRAFIA

Ducrot, O. - "Estruturalismo e Linguística". São Paulo, Cultrix

Ducrot, O. - "Princípios de Semântica Linguística". São Paulo, Cultrix

Ducrot, O. et Alli -"Le mots du discourse" . Paris, Les editions
de minuit

Lehmann, W. - "A reader in nineteenth-century historical Indo-
European linguistics". Bloomington and London,
Indiana University Press.